

## FULGURAÇÕES EM CLARICE LISPECTOR

Eliana Yunes, abril de 2007  
ALALITE, PUC-Rio.

O início do Evangelho de João, que não cansamos de refletir, traz duas caras confirmações à contemporaneidade: primeira, a indicação clara de que a Palavra dá forma ao mundo – “*tudo foi feito por Ela e sem ela nada foi feito*”. De modo igual temos dito que a linguagem dá forma à realidade, “cria a realidade, embora a criação de Deus não se dê do mesmo lugar, é um paralelo o que está estabelecido. Além desta, a indicação material da manifestação histórica de Deus como Verbo – “*e o Verbo se fez carne e habitou entre nós*”; num mundo caro às manifestações, à comunicação, em que a palavra dá a ver o sujeito, o absolutamente outro se fez palavra. E por mais *incrível* que pareça – um Deus, existindo, satisfaz a prova de sua existência, assumindo a “materialidade” da carne, mas agindo com o sopro de um novo Espírito, estranho ao mundo: por isso mesmo, “*veio para os seus, mas os seus não O receberam*”.

Este Evangelho reconhecido por sua *diferença* com relação aos sinóticos aponta as **fulgurações** entrevistas por João, já à distância no tempo, no cotidiano complexo e ininteligível (por si só) do homem de Nazaré, de cuja boca saíram palavras que bordejaram o *inédito*, - “*ninguém jamais falou como Ele*” – e atestaram o *invisível*, o mistério da Realidade última – “*ninguém conhece o Pai senão aquele que desceu dos céus para fazer a sua vontade*”.

Reconhecemos hoje, através da filosofia da linguagem de Wittgenstein, na expressão de Austin, que “dizer é fazer” no mundo dos homens, donde não nos deveria estranhar, em outro nível de realidade, como afirma Morin, a expressão performática do ato criador: “*faça-se a luz e a luz foi feita*”. E que, portanto, a palavra é criadora de realidades sendo o verdadeiro inacessível ao mundo, o Real em si: entre o imaginário e ele, a ficção e o simbólico, se apresentam como versão das coisas e do mundo, mesmo quando nos afastamos da literatura e nos aproximamos das ciências. Que sabemos do mundo senão as imagens que construímos pelas múltiplas linguagens em que tentamos recobrir o descontínuo entre nós e o mistério? Os físicos não-crentes têm admitido que as descobertas no limite da ciência só fazem ampliar a fronteira do mistério.

A busca do diálogo entre diferentes áreas do saber vem se constituindo em uma tentativa de recobrir os *espaços entre*, articulando em rede os saberes, de modo que, apesar dos vazios, os fios interligados permitem compreender as correspondências à distância e surpreender coerência no gesto que aproxima conhecimentos tidos como incomunicáveis por diferentes razões com uma hierarquia que desde Galileu colocou a ciência acima da teologia, e desde a patrística colocou a teologia muito acima da literatura. Hoje o quadro se altera e o conhecimento verticalizado e fragmentário das especializações são uma etapa apenas, no exigente mosaico dos saberes. Por que não astrônomos, físicos, teólogos, literatos em diálogo sobre a criação?

Entendida a arte como uma linguagem que justamente alerta para o que não se deixa registrar no discurso automático do cotidiano onde o mundo social é “naturalizado”, e se reconhece como um discurso que sonda o não-apreendido explorando possibilidades *inauditas*, a literatura mesma se exercita como uma prática hermenêutica, como uma forma de tangenciar o incognoscível de dentro para fora, de forma não infusa mas difusa, não revelada mas gestada, irradiando sobre a vida como experiência, na acepção benjaminiana. Assim não surpreende a aproximação crescente entre literatura e teologia, uma vez que esta se propõe, teoricamente, como uma tentativa de abordar o “texto” da divindade na perspectiva da recepção humana de sua palavra.

Esta questão que Pe Henrique de Lima Vaz situa no transracional – que atravessa o racional e vai mais além dele, está contida no que Edgard Morin apontou como o nível da *complexidade*, em que as interações dos saberes permitem uma compreensão ampla, nunca unívoca e totalitária, mas articulável nas muitas dobras (*plexus*) da visão (teoria, ato de ver). A expressão antropológica de experiências que desbordam o dizível, o narrável, forçando a lógica do discurso instituído, procura criar uma *outra* linguagem capaz de indiciar ao menos o que nos escapa, materializá-lo enquanto o re-presenta. Este tipo de discurso, como indicava Roland Barthes em sua AULA, no Collège de France, só pode ser o literário, cujas fronteiras não se fecham porque tangenciam sempre o que se desconhece, em si mesmo, no outro e no mundo. Há sempre algo para além do dito e na recepção própria de cada homem, algo novo ainda a significar. Dizendo de outro modo, a literatura é *significante* e não *significado*, daí que um mesmo texto diga tantas e diferentes coisas.

Por esta razão ela mesma é uma teoria do mundo e das relações humanas entre si e com o Absoluto - pura alteridade, nos diz Levinas, - com o não-nomeável, JAVÉ, , com “*aquele que é*”, simplesmente - “eu sou aquele que sou”- uma prática condizente com uma perspectiva teológica de *dar a viver* uma experiência do divino, de *dar a ver* “*o brilho que a razão não devassa*” – “bliss” para Mansfield e Woolf, “cenas fulgor” para Gabriela Llanosol.. A exemplo da literatura que cria uma língua com sintaxe e semântica novas, às vezes até uma fonética estranha, sonoridades puras, incitando o sensível, a mística em seu discurso se aproxima do poético e este se presta a um exercício hermenêutico teológico, na linha que aponta Barcellos, em seu “Literatura e Teologia, questões metodológicas” (Revista Gragoatá, n. 8/2000, Niterói, UFF, p.113-128).

Na verdade, remontando a Agostinho, o que buscamos fora e além, *habita o mais interior de nós mesmos* (Cf. Confissões, III, 6). Assim também para o poeta é o mundo – o mais interior a ele mesmo :“*onde está teu coração aí está teu tesouro*”; ou como diria Leonardo Boff, o transcendente já está no imanente. A epifania ou as *fulgurações* do espírito, no dizer de Vaz em *Experiência mística e Filosofia na Tradição Ocidental*” (São Paulo, 2000, p.25 e ss), corresponde à fruição do Absoluto ou, como sonhamos psicanaliticamente, a união com o todo. Indo mais longe, diríamos que ocorre uma *fulguração da matéria* que só se deixa ver na e pela linguagem, seja quando fala, seja quando cala. Na linha poética de Adélia Prado, é o corpo que se extasia, pois a alma já dispõe de consolação. A mediação da Palavra – sagrada ou literária – dá a ver o mundo novo, *o reino dos céus*, aqui e agora. *Ficções*, diremos com Borges. E sem nenhum traço ou valoração negativa, sem mistificação, nem falsidade. Ficções, verdades do humano discurso, da humana expressão.

Na literatura, obras há que se abrem ao insondado, que iluminam possibilidades teológicas no discurso poético ou seja, obras há que se apresentam como “formas não-teóricas” de pensar o teológico, no caso nosso específico, pensar com a literatura “uma hermenêutica da fé cristã”, seguindo ainda o pensamento de Barcellos no referido artigo . Não se trata de uma transfiguração do discurso, mas das *fulgurações* que ele permite entrever. E não necessariamente em obras de artistas confessadamente cristãos, surpreendentemente.

Clarice Lispector, de família judia, chegada ao Brasil no primeiro ano de vida, crescida em Recife, de onde traz suas memórias de infância, consignadas em *Felicidade Clandestina*, consagrou-se como uma das mais estudadas autoras do Brasil contemporâneo, sobretudo neste ano 30º de sua morte. Clarice tornou-se um ícone da escrita pós-moderna, ela mesma uma personagem na vida e história literária do país. Entrevistas, documentários, a escrita para jornais como cronista, aproximaram-na do público sem que perdesse uma certa aura misteriosa, apesar da sofisticação de sua escrita.

Desde o primeiro livro, **Perto do Coração Selvagem**, Clarice experimenta o desarranjo da sintaxe, contorna a semântica e busca o limite da palavra. Ela trava uma batalha permanente com o discurso que não dá conta do que percebe e procura “*com a palavra, pescar a não-palavra*”, o significante pairando soberano, esvaziados os sentidos habituais. Diante da avassaladora Presença que a sobrepassa, a discursividade se torna inoperante, mas o silêncio reverbera com os sopros do Espírito. É assim que em *Legião Estrangeira* propõe uma súbita contemplação em *O ovo e a galinha*, para entender “mais do que a superfície do ovo”, especulando miticamente: “*O ovo terá sido um triangulo que tanto rolou no espaço que se foi ovalando*”, até que indica ao leitor a possibilidade de “*de ovo em ovo chega[r]-se a Deus, que é invisível a olho nu*” Clarice quer escapar do óbvio e a visão do ovo na mesa da cozinha, se desloca da superfície: “Não o reconheço e meu coração bate”, o corpo e a mente elaborando o súbito *sentipensamento*. Como catecúmena da palavra, ela quer “*decifrar o mistério e não disfarçar o ovo*”.

A personagem clariceana adentra o mistério humano, forcejando o inumano, o que não está no previsível e na moral de consensos. Em sua obra mais polêmica, *A paixão segundo GH*, (Rio:J.O,1977), não é possível recusar a intertextualidade que se estabelece, em paralelo sonoro desde o título, com a paixão de Cristo, segundo os narradores sagrados. Através da escrita, a experiência da paixão, vivida na “via-crucis do corpo” no dizer de Adélia Prado, traz o anúncio a esta *cristã nova*, da boa nova na descoberta do Outro em si mesma, pela travessia que faz do pronome reto, eu ao oblíquo, mim. Quanto mais ela mergulha em seu mundo interior, mais se intensifica a paixão humana, a *paixão segundo o Gênero Humano*, em que se funde a

protagonista/narradora, antes tão “persona”, tão indivíduo: “*o primeiro passo em relação ao outro é achar em si mesmo o homem de todos os homens*”, confirma.

O romance perfaz em um quase cubículo, quarto de empregada, despojado e vazio como um deserto, o périplo de uma mulher que sai de seu “*mundo humanizado*” para aceitar o desafio de uma “*desorganização*” que o “*puramente vivo*” lhe provoca. O corpo de uma barata esmagada na porta do armário, antes que náusea acelera uma comoção profunda para com o nada vivo, fazendo-a sentir-se arrastada “*para fora do mundo possível*”, saindo de si mesma para *entrar no mundo*, não o mapeado e conhecido, mas o do desconhecido, do deserto onde se dá o encontro com o que é, em despojamento absoluto. Aí ela está a um passo do sagrado: experimentar o encontro obriga não só a *descalçar as sandálias* como Moisés no Sinai, mas a *lamber o chão*, depois de *desatar os nós da gravata*, como canta Gilberto Gil, em “*Se eu quiser falar com Deus*”.

A travessia, como dirá Guimarães Rosa em *Grande Sertão: Veredas*, é perigosa, desagregadora das certezas de si, e a inteligibilidade das coisas se enfraquece a ponto de o sujeito da consciência vacilar, descreer de si, como é possível acompanhar até mesmo nos escritos de Terezinha de Lisieux. G.H. entrevive, através de *fulgurações*, a experiência da abdicação da descontinuidade, do corpo separado, para enfrentar a comunhão que salta sobre o nojo e comunga a vida com as entranhas vivas da barata, a própria fragilidade cega que atravessou hecatombes. Trata-se de uma “*experiência interior*”, como reflete Bataille, cujo tempo é o agora e cujo espaço é o aqui. A vertigem da consciência corresponde ao *fulgor* do abismo e G.H. se percebe nascendo, *gritante* como um bebê, recebendo o *sopro de vida*, dor e alegria: “*o ser excepcional é arrastado para fora do mundo possível*” e só como louco, poeta, profeta encontra uma designação *gauche* no mundo. Morre o homem da razão e desponta o inumano, sobrehumano como imaginou Nietzsche, com a diferença fundante de que já não está/é só-berano, mas se despoja de si para alcançar o Todo: Clarice em sua escrita, livro a livro, vai abandonando o que conhece para abrir espaço ao que só se revela no despojamento, à *epifania* do Inominado, como analisa Affonso Romano de Sant’Anna em seu estudo da obra de Clarice. Ouçamo-la:

... como a todo mundo, me fora dado tudo, mas eu quisera mais, quisera saber desse tudo. E vendera minha alma para saber. Mas agora eu entendia que a vendera não ao demônio, mas muito mais perigosamente: a Deus.

Em um vazio que não é oco, como apontara Barthes, leitor de Lacan, em *O Império dos Sentidos*, a voz que clama do deserto, por fim se escuta : “*O indizível só me poderá ser dado através do fracasso de minha linguagem*”. Enquanto se cala, assoma o gozo, o êxtase, uma *fulguração* que se irradia de fundo, não localizável, em toda parte, e redimensiona a vida:

Eu estava agora tão maior que já não me via mais. Tão grande como uma paisagem ao longe. Eu era ao longe.

Na medida em que desiste de ser ela mesma, numa despersonalização da máscara, e abraça a experiência que a ultrapassa com todo risco, G.H. admite a vida como um não-entendimento – “a vida se me é” – “e então adora”. O processo de ascese não se dá como afastamento do mundo mas como comunhão com ele e reside no que pode salvá-lo como um todo, na direção do que salva também a Deus do “esquecimento”, no dizer de Kazantzakis, em *Ascese*.

Em seu último livro, não por acaso, *Um sopro de vida*, Clarice acolhe na ambigüidade do título, a circularidade entre o sopro de vida insuflado nas narinas do barro para dar a vida e o último suspiro que exala o corpo. Ela procura a espessura da linguagem e não sua significação, como o queria Barthes e percebe com angústia, que “*cada palavra solta tem um pensamento grudado a ela como unha e carne*” .

Lutando com as palavras, como no verso de Drummond, que reconhece ser esta “uma luta vã”, Clarice insiste em recusar-se a domá-las mas quer abdicar delas e parafraseia a escritura de João:

No começo só havia a idéia. Depois o verbo veio ao encontro da idéia, E depois o verbo já não era meu: me transcendia, era de todo mundo, era de Ângela (SV 1978:27)

O diálogo com o outro é o que lhe pode dar identidade, é na intersubjetividade que se desenha um eu-em-trânsito: “eu e Ângela somos meu diálogo interior – eu converso comigo mesma.” Mas não é à toa o nome por conta da etimologia de Ângela. Ela quer se apossar de uma “*escrita branca*” onde as significações cedem espaços “*a fulgores de uma energia*” e “*o processo que Angela tem de escrever [...] parece uma cor e não uma palavra*”. E culmina: “as palavras de Angela são antipalavras” (p.19)

Sintoniza: “*meu vocabulário é às vezes wagneriano-polifônico-paranóico*”, porque o percebe sem causalidade, quase ilegível, já que sua busca é uma indagação existencial cuja resposta não há no tempo cronológico da procura. Ela súbito, fulmina

com seu fulgor, um entendimento sem-palavras, uma experiência indizível – auto-conhecimento é em verdade uma ruptura com o mundo organizado dos discursos.

Terminado antes alguns meses de sua morte, **“Um sopro de vida”** adianta: *“Quero ter a chave do mundo e transpô-lo como quem se transpõe da vida para a morte e da morte para a vida”* (SV p. 160). Mas seu discurso, antecipadamente (p.11) se revela inócuo *“para salvar a vida de alguém, provavelmente a minha própria vida”* O tempo se dissolve e ela diz:

Hoje está um dia de nada. Hoje é zero hora. Existe por acaso um número que não é nada? Que é menos que zero? Que começa no que nunca começou porque sempre era? E era antes de sempre?

Eis o que ela quer:

para escrever eu me despojo das palavras [...] quero me multiplicar para abranger até áreas desérticas que dão a idéia de imobilidade eterna, contudo pulsante.

Como atrás de todo dizer há lacanianamente outro dizer, sendo que a palavra não se esgota justamente por sua função criadora, Clarice ainda provoca expondo esta dimensão de sacralidade da escrita:

escrever é coisa sagrada onde os infiéis não têm entrada. Estou fazendo de propósito um livro bem ruim para afastar os profanos que querem “gostar” . (p.20)

A obra de Clarice em seu conjunto exemplifica o que Barcellos teoriza: “... trata-se antes de abrir e iluminar as várias possibilidades de sentido teológico que essas obras [literárias] geram”. (2000 p.122)

Para concluir esta apresentação de Clarice em suas fulgurações, elejo um trecho auto-explicativo desta obra:

Deus é uma coisa que se respira. Eu não tenho fé em Deus. A sorte é às vezes não ter fé. Pois assim um dia poderá ter A Grande Surpresa dos que não esperam milagres. Parece aliás que milagres acontecem como o maná do céu sobretudo para quem nada crê. E estas pessoas nem notam que foram privilegiadas.

Nesta escrita que sai da impossível certeza para a certeza do impossível, Clarice realiza o que na escrita de Teresa, de Ávila, dos *castelos da Alma* se materializa como discurso do êxtase e da mística; em Clarice a *epifania* se dá por *fulgurações* em que o esforço humano por desenraizar-se alcança dizer: *“nada mais quero. [...] que me perdoem os fiéis do templo: eu escrevo e assim me livro de mim e posso então descansar”*.